



EM SEUS BRAÇOS OU EM SEU CÔRÇÃO

**Maria, nossa Boa Mãe
Maria, nossa Fonte de Renovação**

**Irmão Seán D. Sammon, FMS
Superior Geral**

**Instituto dos Irmãos Maristas
Volume XXXI, n° 5
31 de maio de 2009**

EM SEUS BRAÇOS OU EM SEU CÔRACÃO¹

Maria, nossa Boa Mãe
Maria, nossa Fonte de Renovação

Irmão Seán D. Sammon, FMS
Superior Geral

Instituto dos Irmãos Maristas
Volume XXXI, n° 5
31 de maio de 2009

¹ Cf. 27 de maio de 1838, carta ao Monsenhor Pompallier in: *Lettres de Marcellin J. B. Champagnat*. Roma, Italia: Scuola Tipografica S. Pio X, Via Etruschi, 7-9, p. 391-394.

Seán D. Sammon SG
EM SEUS BRAÇOS OU EM SEU CORAÇÃO

Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas
Volume XXXI – n° 5
31 de maio de 2009

Título original inglês:

IN HER ARMS or IN HER HEART:

Mary, our Good Mother;

Mary, our Source of Renewal

Tradução:

Sr. Ricardo Tescarolo

Editor:

Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Geral
Roma, ITÁLIA

Redação e Administração:

Irmãos Maristas
Piazzale Marcelino Champagnat, 2
00144 Roma, ITÁLIA
Tel. (39) 06 545171
Fax. (39) 06 54517217
supgen@fms.it
publica@fms.it
www.champagnat.org

Diagramação e Fitolitos:

TIPOCROM S.R.L.
Via A. Meucci, 28
00012 Guidonia (Roma), ITALIA

Impressão:

C.S.C. GRAFICA, S.R.L.
Via A. Meucci, 28
00012 Guidonia (Roma), ITALIA

Fotografia:

Josep Roura, fms

SUMÁRIO

...fragmento 5

Introdução 7

Parte I:

Maria na formação religiosa
e na vida de fé de Marcelino..... 23

Parte II:

Maria em nossas vidas..... 37

Conclusão..... 53

Ladainha Marista a Maria..... 55

...fragmento

Em lugares inesperados, em momentos
de meia-deseesperança, quase-desolação,
quando penso que você partiu,
nós colidimos.

Às vezes você vem ao meu encontro
e me confronta com mistério, paixão, vida.
Meu coração se inflama.

Adaptado de Catherine de Vinck
A Time to Gather, 1974

INTRODUÇÃO

Caros Irmãos,

No decorrer dos anos, inúmeros mostruários foram ocupando todo o saguão, em frente do escritório do Superior geral no primeiro andar da Casa generalícia, em Roma. Neles eram exibidas imagens de Maria; a coleção excedia em muito o espaço disponível para uma exposição realmente atrativa.

Caminhando por essas representações da Mãe de Jesus, com frequência me punha a cogitar: se um dia ela aparecesse por aqui e apreciasse essa coleção, será que se reconheceria, em meio à profusão de imagens ou, ao invés disso, ela se perguntaria como foi possível nos enganarmos tanto a seu respeito?

Quem é essa mulher que a Igreja, em seu início, conhecia como Maria de Nazaré? Que lugar ocupou na vida de Pedro, de Marta e Maria, de João o discípulo amado e, séculos mais tarde, de Marcelino Champagnat, que a nomeou nossa *Primeira Superiora* e a denominou *Recurso Habitual* e nossa *Boa Mãe*? E o mais importante:

que significa Maria hoje para nós, membros do Instituto que leva seu nome e cidadãos do século XXI?

Com o passar dos anos, poucos entre nós, tanto Irmãos quanto Leigos maristas, assim como católicos em geral, ainda se recordam da vida anterior ao Vaticano II. Aqueles que se lembram, contudo, devem admitir que, a partir do Concílio, a importância de Maria entre as pessoas de fé veio decrescendo. Embora ainda presente em inúmeras formas, ela não passa atualmente de uma sombra do que já representou para nós.

É preciso admitir, no entanto, que a diminuição do conhecimento a respeito da Mãe de Jesus e da honra prestada a ela não é universal. A devoção a *Nossa Senhora do Pilar*, por exemplo, saudada como a Mãe dos Povos Hispânicos pelo Papa João Paulo II², continua inabalável na Catedral de Zaragoza, na Espanha. Peregrinos igualmente afluem todos os anos a Lourdes na França, a Fátima em Portugal, Knock na Irlanda e, mais recentemente, a Medjugorje na Bósnia-Herzegovina.

A figura de *Nossa Senhora do Líbano* se destaca no porto de Beirute, e tanto os visitantes cristãos quanto os muçulmanos sobem, em veneração, as escadarias que conduzem ao pé da sua imagem. Do mesmo modo, na Ásia e no continente Africano, na Oceania e nas Américas, os católicos continuam a expressar sua devoção à Mãe de Jesus com uma variedade de formas originais.

E, assim como *Nossa Senhora de Guadalupe* foi declarada *Padroeira das Américas*³ muitos católicos latino-americanos continuam a ter grande estima por outras imagens de Maria, como a *Nuestra Señora de Luján* (Argentina), *del Carmel del Maipú* (Chile), *de Caacupé* (Paraguay), *la Virgen de la Caridad del Cobre* (Cuba) e *Nossa Senhora Aparecida* (Brasil), para mencionar apenas algumas.

Entretanto, a despeito de todas essas demonstrações de devoção, ainda devemos admitir que em muitas partes do mundo a consciência da presença espiritual de Maria en-



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sannon, SG

² www.freebase.com/view/en/basilica_of_our_lady_of_the_pillar.

³ <http://cnsblog.wordpress.com/2008/12/11/our-lady-of-guadalupe-patroness-of-the-americas/>

Com o passar dos anos, poucos entre nós, tanto Irmãos quanto Leigos maristas, assim como católicos em geral, ainda se recordam da vida anterior ao Vaticano II.

tre nós arrefeceu, desde o encerramento do Concílio Vaticano II. A prática de rezar a Salve Rainha, ao final de cada missa, por exemplo, foi caindo em desuso desde meados da década de 1960, enquanto o tesouro do rosário ficou esquecido em muitos lugares e as antigas ladainhas, compostas em honra a Maria, são cada vez menos frequentes.

Essa situação não é menos preocupante em nosso Instituto. Em 1967, os delegados do 16º Capítulo geral observaram que as profundas mudanças que ocorriam na devoção a Maria em muitas partes do mundo marista estavam provocando grande confusão.⁴

As *Constituições e Estatutos Maristas* insistem na nossa obrigação de “contemplar a vida de nossa Mãe e modelo, para assimilar o seu espírito”.⁵ No entanto, as celebrações em comunidade das grandes festas marianas desapareceram, assim como a recitação do *Pequeno Ofício de Nossa Senhora* e, em muitos lugares, a celebração especial do sábado como o dia de Maria e de maio e outubro, como meses dedicados a ela.

UM EXEMPLO PESSOAL

Foi uma feliz circunstância ter morado em uma das poucas paróquias de Nova Iorque dirigida pela Ordem dos Pregadores, a de São Vicente Ferrer. Maria era encontrada em toda a parte, naquela igreja. Um altar em sua honra se localizava à esquerda da nave central e outro, dedicado a N.Sra. de Fátima, um pouco mais adiante. Sua imagem era vista em cada canto. Em todo mês de maio era montado um altar especial em sua honra e um aluno era escolhido para coroar sua imagem.

Durante o meu curso médio, a Mãe de Jesus continuou a ocupar um lugar de destaque. Todos os dias, por exemplo, um Irmão Marista levava os alunos para rezarem o Terço. Havia a Congregação Mariana e a imagem de Ma-

⁴ Cf. Documento Marial: *A Santíssima Virgem na vida do Irmão Marista*.

⁵ C 4.

ria estava sempre presente, nas diversas partes do edifício.

Seriam essas reminiscências pouco mais do que nostalgia, um retorno sentimental a um passado em que isso servia a meus propósitos, mas que agora tem pouca relevância para mim? Creio que não. A Maria da minha infância e adolescência era central e importante em minha vida. O que era significativo para um menino de oito, nove, quinze anos, porém, hoje não é mais. Eu gostaria, em vez disso, de poder contar com essa extraordinária mulher de fé em minha vida, de modo que tivesse sentido para mim como adulto.

POR QUE UMA CIRCULAR SOBRE MARIA

Circulares sobre a Mãe de Jesus não são exatamente novidade na história do Instituto. Com certa frequência, aliás, os Superiores gerais anteriores tornaram-na o foco de pelo menos uma de suas cartas ou Circulares e a ela se referiram de muitas maneiras.

Durante o período de seu governo no Instituto, por exemplo, o Ir. Basílio Rueda escreveu uma Circular intitulada *Um novo espaço para Maria* e a dirigiu aos capitulares, na abertura do 17º Capítulo geral. O texto era dividido em duas partes: a primeira consistia em uma reflexão teológica sobre Maria e a segunda trazia o testemunho pessoal de vários Irmãos de todo o Instituto.

Os Irmãos Charles Howard e Benito Arbués fizeram referências constantes a Maria, nas Circulares e cartas escritas para os Irmãos e Leigos maristas. Conscientes do lugar importante que o rosário sempre ocupou na vida do Instituto, Charles criou cinco mistérios adicionais e os agrupou sob o título de ‘esperança’. Ele também compôs uma oração em homenagem a Maria, inicialmente apresentada no Capítulo de 2001⁶, que continua em uso até os dias atuais.

⁶ www.champagnat.org/shared/20Capitulo/Documents/Howard/EN30102_Charles.doc



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

Benito sempre se referia a Maria como “companheira constante”, principalmente durante os tempos de provação e dificuldade. Ao escrever aos Irmãos a Circular intitulada *Fidelidade à missão em situações de crises sociais*, ele a encerrou com as seguintes palavras:

Quando as Constituições nos dizem que Maria, em suas atitudes de perfeita discípula de Cristo (cf. C 4), inspira e forma o nosso ser e o nosso agir, estão nos pedindo que vivamos em comunhão com o seu espírito.

Peço a Maria, para mim e para cada um de meus Irmãos maristas, essa atitude de escuta atenta, obediência pronta, generosidade, compromisso simples com as pessoas, confiança e fortaleza, humildade e alegria serena. Em tempos como estes, sentimo-nos movidos a reconhecer com o Padre Champagnat: ‘Ela fez tudo por nós’.⁷

Os participantes dos recentes Capítulos gerais também reservaram a Maria lugar e papel destacados na história e na vida de nosso Instituto. Imediatamente após o Vaticano II, os delegados do 16º Capítulo geral (1967-1968) produziram sobre ela um documento de natureza teológica, rigorosamente fundamentado.⁸ Em linguagem clara e incisiva, sintetizaram com competência os ensinamentos do Vaticano II referentes à Mãe de Jesus e propuseram aos membros do nosso Instituto o desafio de tornar a imaginar o lugar de Maria em nossa vida e missão, o que ainda está por se realizar plenamente.

Nesse sentido, os membros dos Capítulos subsequentes incluíram a Mãe de Jesus em suas deliberações, com o Capítulo de 1985 servindo de bom exemplo dessa prática. Ao redigirem as nossas *Constituições e Estatutos* ora em vigor, os capitulares deixaram claro que um artigo sobre Maria, bem como outras referências a ela, deveriam integrar cada um dos capítulos do documento final.

⁷ Cf. ARBUÉS, Benito. *Fidelidade à missão em situações de crises sociais*. Roma, Itália, Casa Generalícia, 3(2), 8 de maio de 1998.

⁸ Cf. *Documento Marial: A Santíssima Virgem na vida do Irmão Marista*.

Algumas questões, no entanto, permanecem: “Por que outra Circular sobre Maria?” e “Por que uma Circular sobre Maria nesse exato momento de nossa história?”

Há diversas razões que justificam a publicação da presente Circular, e nestes dias. Para começar, esta parece ser uma época muito oportuna para que encontremos uma compreensão renovada do lugar de Maria na vida e na missão de nosso Instituto.

Embora as opiniões a respeito do lugar exato reservado ao magistério sobre Maria, entre os delegados do Concílio Vaticano II, fossem divergentes, os anos imediatamente anteriores e ulteriores a essa histórica reunião deram-lhe novo destaque e promoveram visões inovadoras sobre a Mãe de Jesus.

Infelizmente, essa tendência mudou com o passar do tempo. O número de publicações sobre Maria decresceu e suas imagens passaram a não ser tão comuns em muitos lugares onde antes eram tradicionalmente encontradas.⁹

Esse movimento não pôde ser evitado e teve efeito direto na devoção a Maria, tanto na Igreja quanto em nosso Instituto, e um bom número de práticas, antes familiares, foram abandonadas. Alguns de nós, bastante habituados a descrições de Maria que tiveram sua origem nas Escrituras, ao invés de na tradição,¹⁰ acolheram positivamente essas mudanças, considerando-as etapas de um longo processo de necessária superação e renovação do papel de Maria na Igreja e no Instituto. Outros, porém, entenderam que a decisão tomada no Vaticano II diminuiu, injustificadamente, o papel da Mãe de Jesus no plano divino da Redenção.

A adoção de uma ou outra dessas duas posições pouco contribuirá para incentivar o diálogo sobre o papel e o significado de Maria em nossas vidas hoje. Embora

⁹ Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Truly our Sister: A Theology of Mary in the Communion of Saints*. New York: Continuum International Publishing Group, 2006, p. 114-134.

¹⁰ Para discussão mais ampla sobre este assunto, cf. SPRETNAK, Charlene. *Missing Mary: the Queen of Heaven and her re-emergence in the modern Church*. New York, NY: Palgrave/Macmillan, 2004.



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

não se negue que Deus a tenha chamado para uma vocação especial na história da salvação, não podemos esquecer que sua proximidade com Deus realçou sua humanidade.¹¹ Como você e eu, a Mãe de Jesus buscou e foi acometida pela incerteza. Ela experimentou sua parcela de inquietação, frustração e desapontamento. O teólogo Leonardo Boff, por exemplo, recorda-nos que a Imaculada Conceição de Maria “não significa que ela nunca se tenha perturbado ou sentido necessidade de fé e esperança.”¹²

Por essas razões, santa Teresa de Lisieux acreditava que amor e honra sempre foram dedicados a Maria. Destacou também que amava a Mãe de Jesus, não porque recebera privilégios excepcionais, mas porque viveu e sofreu como nós na escura noite da fé.¹³

Hoje, quase cinco décadas após o encerramento do Concílio, temos a oportunidade de refletir sobre o lugar de Maria em nossa vida e em nossa devoção a ela. Para tanto, será muito útil entendermos mais profundamente as mudanças que aconteceram nessa área tão importante de nossas vidas e assim projetarmos a caminhada daqui em diante.

Do mesmo modo, acolhendo a Mãe de Jesus de maneira renovada em nossos corações e vidas, teremos a oportunidade de apropriar-nos de um dos elementos centrais da espiritualidade do Fundador: inserir a humildade no contexto do relacionamento com Maria. Ainda que em certo período tenha sido considerada uma virtude ascética, a humildade se identifica mais como atitude espiritual. Consistindo na entrega filial a Maria, não apenas individualmente, mas principalmente no âmbito do Instituto que recebeu seu nome, esse relacionamento privilegiado se vê bem traduzido na expressão: “Tudo a Jesus por Maria”.

¹¹ Para maior desenvolvimento desta ideia, cf. RAHNER, Karl. *Foundations of Christian Faith: An Introduction to the Ideal of Christianity*. New York, NY: Seabury, 1976.

¹² Cf. BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2003, 9.ed.

¹³ *Apud* JOHNSON, Elizabeth A. *Dangerous Memories: A mosaic of Mary in Scripture*. New York: Continuum International Publishing Group, 2004, p. 24.

Marcelino deu grande ênfase à humildade e se empenhou em que esta virtude assumisse lugar central em sua vida. Era a primeira lição que ensinava a seus novos postulantes. O *Livro de Ouro (Livre d'or)*, um tratado sobre a humildade, era o primeiro livro que colocava à disposição deles.

A vida da Mãe de Jesus é exemplo permanente de que sua perfeição não se encontra na auto-humilhação extravagante. Por ser autêntica, Maria veio a descobrir a glória de Deus. Com o tempo, o Fundador percebeu que uma genuína humildade se realiza quando nós, como Maria, acolhemos a Deus em nossas vidas. Desse modo, vemo-nos como realmente somos: criaturas na presença do Criador.

O próprio Marcelino, consciente de suas limitações pessoais e observando o rápido crescimento da comunidade que acabara de fundar, confiou a Maria todos os seus membros, bem como o projeto emergente.

Nos tempos atuais, você e eu também podemos sentir-nos insuficientemente preparados para a tarefa da renovação. Com certeza, orgulhamo-nos de ter conseguido, com a graça de Deus, avançar bastante em nossa caminhada. No entanto, precisamos estar conscientes de que uma dose equivalente de dificuldade se apresenta à nossa frente.

O trabalho de preparar o Instituto para um mundo novo também tem sido dificultado, às vezes, por hesitações, prevenção e relutância em mudar. O modelo de Maria na *Anunciação* está em profundo contraste com esses modos de pensar e agir. Seu compromisso sincero, seu espírito disponível à vontade de Deus e sua capacidade de mudar constituem o modelo que devemos imitar. Precisamos igualmente considerar que, embora o mensageiro de Deus tenha anunciado a Maria, as dúvidas e questionamentos não desapareceram. O que nos faz crer que nossa situação seria diferente?

Ao comprometermos Maria no trabalho de renovação como peregrina e guia, não garantiremos apenas sua ajuda, mas assumiremos com esperança seu espírito de fé e de acolhida à vontade de Deus.



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

Não devemos, porém, tomar essa iniciativa se não estivermos preparados para as consequências. Afinal, se manifestarmos à Mãe de Jesus o desejo ardente de trabalhar pela plena renovação do nosso Instituto, é bem provável que ela aceite a oferta.

DEVOÇÃO

Embora os documentos de nosso Instituto reflitam com frequência sobre o entendimento que se tem hoje sobre Maria, muitos de nós sentimo-nos perdidos quando perguntados sobre a Mãe de Jesus ou sobre nosso relacionamento com ela. Do mesmo modo, frequentemente nos prendemos a devoções que pertencem a outro período da história, por não termos o que colocar no seu lugar. Precisamos agora redescobrir a Mãe de Jesus, à luz de tudo o que aprendemos sobre ela, desde o final do Vaticano II e desenvolver nossa devoção a ela consoante a essa visão.

Maria não foi personagem menor no mistério da salvação; no entanto, de certa forma, a temos tratado como tal. Atualmente, dispomos de meios suficientes para encontrar um lugar renovado para ela em nossas vidas, na Igreja e no Instituto. Como se mencionou antes, o conhecimento bíblico contemporâneo e a reflexão teológica sobre Maria foram profícuos, antes do Concílio e nos anos imediatamente seguintes. A narrativa de Lucas sobre a *Anunciação*, a mensagem contida nas passagens sobre a infância de Jesus, o foco de João no papel de Maria no primeiro sinal em Caná e sua presença no Pentecostes, descrita nos *Atos dos Apóstolos*, são atualmente compreendidos com mais clareza.¹⁴

Ultimamente, alguns de nós desenvolveram entendimento mais aprofundado sobre as origens e a finalidade de nosso Instituto e da natureza de sua espirituali-

¹⁴ Cf. Raymond E. Brown, Karl P. Donfried, Joseph A. Fitzmyer, and John Reumann (eds.), *Mary in the New Testament*. Ramsey, NJ: Paulist, 1978.

dade. O estudo permanente proporcionou uma visão mais acurada da época em que o Fundador viveu e sua experiência de Jesus e Maria, abrindo novas possibilidades para a compreensão do tema.¹⁵

Valendo-nos desses e de outros recursos disponíveis, será possível não apenas conhecer melhor o relacionamento de Marcelino com Maria, mas também voltar a imaginá-lo para nossos dias. Teremos, assim, a certeza de que ela será para nós a mesma inspiração e irmã na fé como foi para ele, a mulher a quem ele atribuiu todo o crédito pela existência do Instituto e de sua missão.

Do mesmo modo, não deveríamos hesitar em renovar algumas antigas formas de demonstração de nossa devoção a Maria. Elas certamente serviram bem ao Povo de Deus durante séculos, incluindo nós mesmos, e ainda apresentam potencial para continuar a fazê-lo nos próximos anos.

Seremos negligentes, porém, se nos concentrarmos apenas em recuperar práticas do passado ou deixar igualmente de considerar Maria, antes e acima de tudo, como discípula do Senhor. Nesse caso, ainda assim, devemos ter o cuidado de não transformá-la simplesmente em símbolo ou ícone.¹⁶

Os participantes do Vaticano II descreveram Maria como modelo de vida cristã e destacaram sua participação na história da salvação. Paulo VI, mais tarde, denominou-a Mãe da Igreja e encorajou-nos a imitá-la.¹⁷ Destacou que ela tivera a boa intuição de questionar o mensageiro de Deus. No entanto, assim que o processo

¹⁵ O trabalho de seleção da correspondência e outros escritos do Padre Champagnat, com os comentários anexos do Ir. Paul Sester, os cursos de Patrimônio Marista realizados em 1993 e 2008, o trabalho continuado do Irmão Aureliano Brambilla, no CEPAM do México, as investigações do Ir. André Lanfrey, a organização de um arquivo permanente em Roma, o processo ininterrupto de pesquisa dos Irmãos Gabriel Michel, Alain Delorme e Alexandre Balko, bem como os esforços de muitos dedicados tradutores, tudo isso proporcionou uma ampla e profunda compreensão que não existia há cinquenta anos. A publicação de *Água da Rocha*, em 2007, também permitiu a muitas pessoas o acesso a uma introdução sobre espiritualidade apostólica marista.

¹⁶ Cf. MCDONNELL, Rea (SSND). *Into the Heart of Mary*. Notre Dame, IN: Ave Maria Press 2009.

¹⁷ http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_en.html



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

se concluiu, sua resposta ao convite do enviado de Deus foi inequívoca.¹⁸

As observações do Papa foram mais do que uma descrição sensível da Mãe de Deus por ocasião da *Anunciação*. De fato, ele nos apresentou um modo de se compreender Maria e seu relacionamento com Deus que nos poderá ajudar a enfrentar o desafio da renovação do Instituto hoje. Creio não haver melhor forma de realizar essa tarefa do que a que ela assumiu quando recebeu o convite do mensageiro de Deus.

Eis uma mulher com força bastante para fazer perguntas sobre o que era pedido e assaz humilde para finalmente acolher a Palavra de Deus. Enquanto os outros procuravam um Messias como rei conquistador, ela foi capaz de reconhecer o Servo Sofredor que veio em seu lugar.

Encontramos aqui uma valiosa lição. Ao empreendermos a jornada da renovação, não poucos de nós parecíamos aqueles do povo judeu que ansiavam por um Messias que vinha para restaurar sua prosperidade. Como consequência, nós, como eles, estávamos despreparados para o que se seguiu: percentual decrescente, envelhecimento e até escândalo, no período pós-conciliar.

Nesse processo aprendemos duas importantes lições. A primeira: somos chamados para ser fiéis, e não, bem sucedidos. A segunda: é preciso uma mudança de coração para que ocorra uma renovação genuína, uma mudança no coração de nosso Instituto e de cada um de nós, seus membros.

MARIA E RENOVAÇÃO

Como Instituto, encontramos-nos agora na soleira de uma porta aberta. Se estivermos em dúvida quanto a avançar ou recuar, de uma coisa temos certeza: não podemos ficar parados. O impulso de recuar pode ser sedutor. Às vezes, convencemo-nos de que um retorno ao

¹⁸ http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_Marialis-cultus_en.html

modo de ser do passado é uma solução viável. Afinal, estamos familiarizados com ele e funcionou muito bem em certo período da nossa história como Instituto.

Escolher esta opção significaria trair o sonho de Marcelino Champagnat. Ele se defrontou com desafios pelo menos tão formidáveis quanto os que enfrentamos agora. Sua fé e confiança em Maria, sua simplicidade e discernimento permitiram-lhe superar todos eles.

Quando a revolução de 1830 acirrou as tensões entre a Igreja e o Estado, por exemplo, o Fundador parecia inabalável frente ao confronto. Ao pedir a especial proteção de Maria, durante um período difícil de conturbação social, ele instituiu a Salve Rainha como a primeira oração diária da comunidade dos Irmãos, um hábito que continua até hoje.

Do mesmo modo, em 1903, com a graça de Deus, nossos Irmãos enfrentaram com coragem e habilidade um momento perigoso na história do Instituto. Novamente, sua fé e determinação em confiar na Mãe de Jesus, além das virtudes da humildade e simplicidade, ajudaram-nos a superar aquela dificuldade.

Que dirão de você e de mim as futuras gerações? Que realizamos tudo o que era necessário para preparar-nos, enquanto Instituto, para mais um século de evangelização das crianças e jovens pobres? Que neste mundo submetido a formidáveis perturbações e mudanças, nosso espírito de fé, a vontade de transcendermos a nós mesmos e às nossas próprias necessidades, assim como o nosso zelo pela Boa-nova de Jesus Cristo trouxeram enfim esperança àqueles que recorreram a nós? Ou serão obrigados a constatar que falhamos em ambos os empreendimentos?

O desafio é, portanto, muito claro: Você e eu temos coragem, como Marcelino, de confiar todo o processo de renovação de nosso Instituto à Mãe de Jesus e aceitar as consequências desta decisão?

Irmãos, é hora de, novamente, nos comprometermos com o trabalho de renovação do Instituto, sua vida e missão. Isso exigirá de todos nós espírito de sacrifício e vontade de mudar. Acrescente-se a isso um coração ge-



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

Quando
chegou a hora
propícia,
a Palavra
de Deus
se manifestou
- não
aos centros
do poder
e da riqueza
- mas
à periferia,
entre
os pobres.

neroso e a crença no futuro de nosso modo de vida. E quanto àqueles que demonstram pouco ou nenhum interesse em participar desse esforço? Esses deveriam, pelo menos, concordar em não atrapalhar quem está consciente de que precisamos avançar.

Duas áreas exigem nossa urgente atenção. Uma, compreender e apreciar com mais amplitude a natureza apostólica de nosso Instituto e, a outra, deixar de pensar que ação e contemplação são rivais que disputam nosso tempo e atenção e passar a considerá-las o que realmente são: aliadas e amigas, partes essenciais da Boa-nova de Jesus Cristo.

Infelizmente, não poucos entre nós continuam a ver a vida consagrada em um quadro de referência monástico muito amplo. Poderíamos então, em contraposição, perguntar: Desejamos permitir uma forma apostólica de vida consagrada que finalmente se desenvolva livre dos constrangimentos do passado? Concordamos em que o zelo apostólico deve ser reconhecido como uma de suas principais características? Que passos precisamos dar para conseguir um desempenho positivo nessas duas áreas?

Como Irmãos de Marcelino, estamos tentados a alegar que somos muito melhores trabalhando do que orando. Essa crença se fundamenta, em parte, em concepções equivocadas sobre a natureza da contemplação, que tiveram sua origem no início do século XVII. Em consequência, tememos tornar essa forma de oração parte central de nossas vidas.

Podemos admitir hoje que a oração da Igreja é contemplação? De igual modo, é possível deixar de insistir em que a união com os outros é mediada pela virtude da compaixão, enquanto a união com Deus ocorre na contemplação e, em vez disso, reconhecer que a finalidade de ambas é a união com Deus e com os outros?

Esta breve reflexão sobre a Mãe de Jesus na vida marista não pretende ser uma discussão exaustiva sobre Maria e sobre o Instituto, mas espera atingir dois objetivos. O primeiro é o de ajudar a ampliar nossa visão a respeito do relacionamento do Fundador com a Mãe de Jesus, de mo-

do a tornar mais central o nosso próprio relacionamento com ela em nossas vidas. Ele a chamava de nossa *Boa Mãe*, mas se relacionava com ela como se fosse sua confidente. Como poderemos, você e eu, seus Irmãos, assegurar que a Mãe de Jesus seja para nós a pessoa que foi para ele?

O segundo é o de considerar Maria como importante fonte de renovação do Instituto e agir para garantir que continue a sê-lo. Ela esteve com Marcelino no início da vida Marista e com os Irmãos na crise de 1830 como está conosco hoje, servindo de guia e companheira no trabalho que se apresenta à nossa frente; para isso, basta que lho peçamos.

Maria é e será sempre digna de honra, antes e acima de tudo, porque acolheu a Palavra de Deus e a guardou no coração. Ao lhe confiarmos o trabalho de renovação, nós nos comprometemos a fazer o mesmo.

Assim como nós, ela nasceu em certo período da história humana, construiu sua casa em determinado lugar e viveu seus dias sob um conjunto peculiar de condições políticas, religiosas e econômicas. Que sabemos do mundo em que Maria viveu e das realidades de seu cotidiano? Como esses elementos contribuíram para sua compreensão e visão de mundo? E o mais importante: como a integração desses elementos agiu para preparar o acolhimento da Palavra de Deus em sua vida? Podemos muito bem fazer essas mesmas perguntas a nosso respeito.

Iletrada, pobre e destituída de poder, noiva e morando em um obscuro vilarejo de um país ocupado, Maria recebeu o mensageiro de Deus. Esse fato torna a mensagem revolucionária de seu *Magnificat* ainda mais significativa ao anunciar a todos os ouvintes que Deus, seu Salvador, viria para acabar com a opressão, em favor dos pobres deste mundo. Depois de tantos séculos, é aqui que reside o maior escândalo do cristianismo: quando chegou a hora propícia, a *Palavra de Deus* se manifestou - não aos centros do poder e da riqueza - mas à periferia, entre os pobres.

Ao ler esta circular, convido-o a me acompanhar na peregrinação em busca da Maria que Marcelino conheceu e



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

amou. Juntos nessa caminhada, vamos descobri-la em sua vida, pelos olhos da história e da fé, para reconhecê-la como a primeira entre os pobres de Javé, primeiro modelo da Igreja, primeiro modelo da atitude cristã.¹⁹

Finalmente, é preciso dar os passos necessários para reservar-lhe um lugar mais permanente em nossos corações e em nossas vidas e convidá-la para assumir a liderança do nosso atual processo de renovação. Ela será, então, para você e para mim, como o foi para o Fundador, não apenas nossa *Boa Mãe* e *Recurso Habitual*, mas igualmente nossa confidente, fonte de força e consolação, nossa irmã na fé.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

Logo abaixo e em outras partes do texto você encontrará algumas perguntas que poderão ajudar a refletir sobre alguns pontos destacados nesta Circular. Considere-as um recurso a ser utilizado sempre que precisar. Se dispuser de outros meios mais eficazes para assimilar este texto, faça uso deles sem hesitação.

1. Reserve algum tempo para recordar sua própria história com Maria. Quando começou o seu relacionamento com ela e como se desenvolveu? Houve momentos em que a presença dela foi importante para a sua vida de fé, sua vocação religiosa e sua autocompreensão como um dos Irmãos de Marcelino?
2. Pense sobre a renovação do Instituto. Qual o desafio mais sério associado a esse processo, em sua Província, e o que você pode fazer pessoalmente para enfrentá-lo?

¹⁹ Cf. *Documento Marial: A Santíssima Virgem na vida do Irmão Marista*.

PARTE I

Maria na formação religiosa e na vida de fé de Marcelino

Quando sua vida terrena chegava ao fim, o Fundador abençoou nossos primeiros Irmãos com as seguintes palavras: “Que uma devoção terna e filial à Boa Mãe os inflame sempre e em qualquer situação”.²⁰ Embora seu relacionamento com ela crescesse ao longo do tempo, Maria sempre desempenhou papel central na vida, na missão e na espiritualidade de Marcelino. Podemos afirmar com segurança que, durante toda a sua vida, ele se relacionou com ela como um filho com sua mãe.

Mais adiante vamos examinar em detalhes esse relacionamento e a fonte de sua devoção à Mãe de Jesus. Antes, porém, vamos esclarecer alguns pontos.

²⁰ Cf. Instituto dos Irmãos Maristas. *Testamento Espiritual de Marcelino José Bento Champagnat, Padre, Superior e Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas*, in Constituições e Estatutos. Edição Especial Comemorativa do Centenário da Presença Marista no Brasil: 1897-1997, Administração Central dos Irmãos Maristas. Roma-Itália, p. 190.

Primeiro, Marcelino considerava a presunção e a autopromoção insuportáveis. Logo, podemos deduzir que ele demonstrava em seus contatos com a Mãe de Jesus esse mesmo jeito simples e franco, tão próprio dele em outras ocasiões.

Segundo, aberto ao pensamento religioso de seu tempo, o Fundador estava convencido de que a Mãe de Jesus era uma intercessora diante de Deus. As palavras do "Lembraí-vos" e do "Sub tuum praesidium" habitavam sua mente e coração. Referências à misericórdia e à compaixão também frequentavam suas alocações sobre Maria.

Terceiro, Marcelino viveu uma época que muitos descrevem como a 'idade de ouro' para os devotos de Maria. Inspirado pela visão racionalista do Iluminismo, esse período começou com o nascimento da Mariologia no século XVII²¹ e se encerrou logo após o Vaticano II. Privilégios de toda ordem foram atribuídos a Maria por seu papel de Mãe de Jesus.²² Novas formas de devoção floresceram e mais dias santificados e títulos foram criados em sua honra.

Não obstante, esse período não deixou de apresentar problemas. Um pensamento repassado de anti-mística passou a predominar na Igreja, a partir do final do século XVII e continuou até o início do século XIX. Um historiador da espiritualidade se refere a todo esse mencionado período como o "crepúsculo dos místicos".²³

Pensava-se que o sagrado só era alcançado mediante oração e práticas ascéticas, reservando-se a contemplação a uns poucos eleitos por Deus. Mais heroica do que santa, mais estoica do que cristã,²⁴ essa interpretação da vida espiritual não fez mais do que desencorajar o povo. Infelizmente, acabou por se tornar o fundamento para estabelecer alguns programas de formação religiosa e continua até hoje a influenciar as vidas de alguns de nós.

²¹ Esse termo é creditado a Nicholas Nigido, que o empregou em seu tratado de 1602, intitulado *Summa Sacrae Mariologiae*.

²² Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Truly our Sister: A Theology of Mary in the Communion of Saints*. New York: Continuum International Publishing Group, 2006.

²³ LANFREY, André. *Ensaio sobre as origens da espiritualidade*, in *Cadernos Maristas*, 19 (XIV), junho de 2003, p. 19.

²⁴ *Ibid.*, p. 19-20.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sammon, SG

Pensava-se
que o sagrado
só era
alcançado
mediante oração
e práticas
ascéticas

Esse foi o mundo onde o Fundador nasceu. A palavra espiritualidade, por exemplo, começou a ser empregada no idioma francês apenas no final do século XIX, anos após sua morte.²⁵ Para o Fundador e seu biógrafo, termos como *santidade* e *perfeição* devem ter sido mais familiares.

Esses e outros elementos influenciaram Marcelino Champagnat, ajudando-o a desenvolver sua fé e a determinar suas práticas religiosas à medida que vivia e amadurecia. Ele teve a felicidade, no entanto, de ter guias excepcionais no decorrer da vida, a mais importante sendo Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus.

O INÍCIO

Como nasceu a relação do Fundador com Maria e que influências a fizeram crescer? Não cabem dúvidas sobre seu amor pela Mãe de Jesus. Mas, o que o levou a confiar-se assim a Maria, e por que mostrou tanta devoção para com ela, encorajando os outros a fazer o mesmo? Por que razões chamou Maria nossa Primeira Superiora, *Recurso Habitual e nossa Boa Mãe*?

A origem do afeto de Marcelino por Maria pode ser localizada em diversas situações. Durante os primeiros anos de sua vida, o exemplo e as orientações de sua mãe, Marie Thérèse, e de sua tia Louise, religiosa da congregação das Irmãs de São José, foram fundamentais. Essas duas mulheres despertaram sua vida espiritual.

Sem dúvida, a mãe de Marcelino instilou nele as noções iniciais da oração, ao passo que Louise lhe propiciou a base de sua formação religiosa. De igual modo, ela provavelmente se constituiu para ele no primeiro modelo de como a oração e o empenho apostólico se completam. É igualmente certo que ele assimilou dessas mulheres as práticas de piedade e a herança espiritual da região montanhosa onde viviam.²⁶

²⁵ Ibid., p. 19.

²⁶ Para informações adicionais, cf. FORISSIER, Antoine. *For a Marian Church: Marist Founders and Foundresses*. Roma, Italy: The Marist Fathers, 1992), p. 47 et seq. Original title: *Présences de Marie – Fondateurs et Fondatrices Maristes* Nouvelle Cité, Paris 1990

O Fundador teve também a felicidade de crescer no distrito de *Marlbes*. Região de fé profunda, tinha como patrono São João Francisco Régis, cujo santuário se transformou em local de peregrinação. Este santo impressionou o jovem Marcelino e influenciou sua formação espiritual. O Ir. Francisco nos relata que essa devoção continuou ao longo de toda a vida do Fundador, que o designava seu segundo patrono.²⁷

Ter vivido no distrito mariano dos bispos Pothin e Irineu também contribuiu para desenvolver a devoção de Marcelino a Maria, assim como os escritos de autores marianos como Olier e Grignon de Montfort. É bem provável que, como seminarista, tenha adotado o Pe. Olier, fundador dos seminários sulpicianos, como exemplo importante. Este último considerava “a Virgem Bendita como inspiração, única verdadeira superiora e sustentáculo do seminário de São Sulpício”,²⁸ chegando a creditar a Maria os planos de construção do edifício.²⁹

Não podemos deixar de notar certa conexão entre o uso da expressão “obra de Maria” por parte de Olier, ao se referir aos projetos dos seminários, e a atribuição de Marcelino desse mesmo significado à construção de L’Hermitage e, posteriormente, a todo o projeto marista. Com o tempo, o Fundador finalmente chegou à conclusão de que Maria era a mentora que dava sustentação à Sociedade de Maria. Em uma correspondência ao Ir. Hilário, datada de 1838, ele escreve: “Digamos a Maria que se trata muito mais de coisa sua que da nossa”.³⁰ Marcelino se considerava coadjuvante dos planos de Maria, e não o responsável principal por um projeto alternativo próprio.

A ideia de ser um instrumento, utilizado por Maria para levar à frente sua obra, reporta-se aos primórdios da fundação da Sociedade de Maria e estava profundamente

²⁷ Cf. SESTER, Paul (FMS). Documentos: O Irmão Francisco fala do Pe. Champagnat, *Cadernos Maristas*, 19(XIV), junho de 2003, p. 82.

²⁸ *Apud* SESTER, Paul (FMS). Maria na vida de M. Champagnat, *Cadernos Maristas*, janeiro de 1996, n.8, p. 30.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ Cf. SESTER, Paul (FMS). *Lettres de Marcellin J.B. Champagnat*. Roma: Fratelli Maristi, 1985, p. 367-369.



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

Sem dúvida,
a mãe
de Marcelino
instilou nele as
noções iniciais
da oração,
ao passo que
Louise
lhe propiciou
a base de
sua formação
religiosa.

te enraizada no coração do Fundador. Ele, aliás, não podia pensar de outro modo. Os fatos de sua vida tinham-no persuadido de que devia tudo à Mãe de Jesus.

Marcelino acreditava firmemente que Maria resolvera a primeira crise vocacional trazendo-lhe seis postulantes que chegaram após muitas orações e novenas.

Ele estava convencido de que fora ela quem havia garantido o término da construção de L'Hermitage, sem qualquer acidente e sem sofrer atrasos por falta de dinheiro.

Em momento algum ele sequer duvidou de que a Mãe de Jesus o salvara, bem como o Ir. Estanislau, na noite em que foram surpreendidos pela nevasca e rapidamente perdiam as forças.

Marcelino também tinha certeza de que fora pela mediação de Maria que a ameaça de supressão de seu Instituto, pela Arquidiocese, simplesmente desaparecera.

Ao apresentar esses exemplos, não pretendo sugerir que, para Marcelino, Maria fosse uma espécie de *Deus ex machina*, alguma entidade pronta a ser convocada para agir durante as crises. Em verdade, considerava todas essas situações como sinais do cuidado e da proteção da Mãe de Jesus.

Sua atitude em relação à Sociedade de Maria era a mesma. A inspiração para a fundação veio ao Pe. Courveille, na Basílica de *Le Puy*. Marcelino acompanhou seu sucesso e, paralelamente, de seus Pequenos Irmãos de Maria com certa dose de admiração.

No princípio, Marcelino precisou pressionar seus colegas seminaristas para obter permissão para acrescentar um ramo de Irmãos professores. Por fim, disseram-lhe que ele mesmo assumisse esse projeto, deixando-o sob sua responsabilidade. Como já se mencionou, sua confiança em Maria era total. Assim, colocou seu empreendimento — bem como todas as atividades e ele mesmo — nas mãos dela, certo de que a servia como instrumento. Entretanto, essa atitude do Fundador não representou surpresa para ninguém, porquanto, na espiritualidade de Marcelino, a virtude da humildade e a devoção a Maria sempre caminharam juntas.

A EXPERIÊNCIA DO SEMINÁRIO E OS PRIMEIROS ANOS DE SACERDÓCIO

No decurso da vida do Fundador, um processo contínuo de conversão marcou seu relacionamento sempre mais profundo com Deus. Sua vida espiritual formou-se apenas com o passar dos anos. A maturidade que atingiu no final da vida foi obra da graça de Deus e de um árduo trabalho pessoal. Pode servir de consolo sabermos que, em suas buscas espirituais, quando jovem, Marcelino priorizou a autodisciplina, que conseguiu desenvolver com o auxílio de um programa muito bem elaborado de oração e penitência, durante as férias do seminário e como jovem sacerdote em La Valla.

Valeu-se igualmente de algumas regras para orientar seu estilo de vida, que o ajudaram a controlar o comportamento e a atingir a serenidade de alma. Felizmente, portanto, o bom senso e o discernimento do Fundador contribuíram para que superasse certo legalismo e a extrema rigidez, peculiares da teologia moral ensinada nos seminários franceses no início do século XIX.

Sabemos agora que, durante os anos de formação, Marcelino assimilou a rica vida de fé e a devoção a Maria, características das dioceses de Lyon e Le Puy. No seminário, adicionou as práticas de seus professores, padres sulpicianos, àquelas já adotadas por ele.

A partir daí, o nome da Mãe de Jesus passou a ser invocado no início de todos os exercícios espirituais, quase todos encerrados com o *Sub tuum praesidium*. O rosário era recitado diariamente, as festas de Maria celebradas com grande solenidade e o mês de maio consagrado especialmente a ela.

As novenas assumiram papel importante no processo de aperfeiçoamento de Marcelino, que encorajava os outros a valerem-se delas. A frequência com que as celebrava e recomendava confirmam o seu fervor bem como sua preocupação por todas as pessoas simples do seu tempo. Ele percebeu que fórmulas simples e fáceis de memorizar lhes seriam muito mais úteis.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sammon, SG

O Fundador chegou finalmente a um ponto em que sua vida de fé era fundamentada no amor de Deus e dos outros. Sociável, ele amava as pessoas e apreciava conviver com elas. Também gostava de ouvir o que tinham a dizer. Se isso era real em seus contatos com os demais, por que não o seria em seu relacionamento com Jesus e Maria? À medida que crescia em santidade, o Fundador veio a entender que cada pessoa, em seu caminho, era imagem do Salvador Ressuscitado, a quem veio a conhecer e a amar tanto.

Com o passar dos anos, Marcelino desenvolveu o hábito de recorrer a Maria em todas as ocasiões e recomendava a seus Irmãos que fizessem o mesmo. Assim, encontrariam a paz de espírito e a compreensão interior de que, na execução da missão, eram como instrumentos para a realização dos planos dela.

O Ir. Francisco conta que o amor do Fundador pela Mãe de Jesus era evidente também em sua devoção aos santos. Demonstrava, por exemplo, grande admiração por Santo Inácio de Loyola e com frequência acrescentava uma referência a Maria ao lema desse santo. “Tudo para a maior glória de Deus”, dizia, e acrescentava: “E para a honra de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo”.³¹

Marcelino encorajava os primeiros Irmãos, como faria hoje conosco, a imitá-lo em sua devoção à Mãe de Jesus. Junto com o Filho, ela é mencionada 87 vezes em suas cartas, sendo 79 as ocorrências em Circulares dirigidas aos Irmãos.³²

No dia 4 de fevereiro de 1831, por exemplo, o Fundador escreveu aos Irmãos Antoine e Gonzaga: “Peçam a proteção de Maria; digam-lhe que, depois de terem feito todo o possível, pior para ela se as coisas não forem tão bem.”³³ Ele confiava plenamente na intercessão de Maria: uma vez que os solicitantes se tivessem em-

³¹ Cf. SESTER, Paul (FMS). O Irmão Francisco fala do Pe.Champagnat, *Cadernos Maristas*, 19 (XIV), junho de 2003, p. 82.

³² Cf. Informações, in *Cadernos Maristas*, n. 8, Janeiro de 1996, p. 3.

³³ Cf. *Lettres*, p. 62.

penhado ao máximo, ela devia assumir a responsabilidade de resolver o problema.

O Fundador também pedia aos primeiros Irmãos para que colocassem um quadro ou uma imagem na casa e queria que portassem algo consigo para sempre se lembrarem dela. Posteriormente, ele estabeleceu a prática de oferecer a Maria as chaves da casa e de colocar os nomes dos Irmãos não integrantes da comunidade de L'Hermitage, no coração pendurado ao pescoço da imagem de “Nossa Senhora de L'Hermitage”. “Ela cuida de nós,” dizia. “Ela é nossa patrona e protetora”.³⁴

Marcelino igualmente aconselhava os Irmãos a adotarem Maria como Mãe. Ela devia ser um modelo a ser imitado, e uma pessoa a quem recorrer com a confiança de uma criança. Na *Anunciação*, a resposta de Maria a Deus foi confiante e direta. O Fundador queria que não fôssemos menos generosos em nosso “Sim”. Incluiu, nas Regras de 1837, uma oração especial, “Abandono à Santíssima Mãe de Deus.”³⁵

“Boa Mãe” é a expressão que Marcelino utilizava com mais frequência para se referir a Maria. Apenas em suas cartas aparece 14 vezes, em quase todos os casos precedida pelo pronome possessivo “nossa”, mas sem o artigo. Seu relacionamento com a Mãe de Jesus demonstrava ser consistente e íntimo, sem formalidade ou distanciamento. O Fundador descrevia a Mãe de Jesus como aquela que cuida de nós e nos protege, aquela a quem recorreremos nas necessidades.³⁶ Ele também aconselhava seus Irmãos “a se entregarem aos cuidados de Maria, nossa Boa Mãe”.³⁷

Finalmente, Marcelino confiou seus benfeitores à proteção de Maria, nossa Boa Mãe, para retribuir sua generosidade. Quando, por exemplo, o Padre Mazellier tomou providências para que alguns de nossos primeiros Ir-

³⁴ Cf. SESTER, Paul (FMS). *Lettres de Marcellin J.B. Champagnat*, p. 62-64.

³⁵ Cf. Regras de 1837.

³⁶ ROCHE, Jean (FMS). Maria, nossa Boa Mãe: extraído das Cartas de Marcelino Champagnat. *Cadernos Maristas*, n. 2, junho de 1991, p. 53-60.

³⁷ *Ibid.*, p. 57.



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

Marcelino sabia que fora chamado para servir os pobres e dedicou sua vida a isso.

mãos se aperfeiçoassem junto com alguns vocacionados de sua própria congregação, o Fundador agradeceu-lhe dizendo: “Maria, nossa Boa Mãe, não deixará que este favor feito para os filhos dela fique sem recompensa.”³⁸

MARIA E OS POBRES

Marcelino sabia que fora chamado para servir os pobres e dedicou sua vida a isso. Ele nunca perdeu o contato com a realidade deles e tornou-a própria. Ao respeitar os indivíduos como pessoas, ele os ensinou a reconhecerem seu próprio valor.

Novamente Maria, pobre em espírito e pobre de fato, apresenta-se aqui como modelo e fonte de inspiração. Como membro dos *anawim*, grupo que muitos acreditavam ser constituído pelos fiéis remanescentes de Israel, depositava confiança total em Deus.

Jesus, no Sermão da Montanha, relaciona as virtudes dos *anawim*: misericórdia, humildade, pureza de coração, promoção da paz e sede de justiça. Do mesmo modo, as palavras de Maria no *Magnificat* lançam alguma luz sobre a espiritualidade do grupo. Não conseguimos encontrar, em parte alguma da narrativa de Lucas, a sonhadora e tímida donzela da imaginação de tantos artistas. Em seu lugar, encontramos uma altiva, entusiasta e corajosa jovem que anuncia a queda dos poderosos e a dispersão dos soberbos, o poder de Deus e a fraqueza de cada um de nós.³⁹

Precisamos agora interrogar-nos: Em que medida desenvolvemos na nossa vida, na minha e na sua, as virtudes das *Bem-aventuranças* e o espírito do *Magnificat*? Às vezes, você e eu até podemos concordar, sem muita convicção, com a crença de que a vinda de Jesus mudou o mundo para sempre. No entanto, com bastante frequência agimos de tal maneira que não convencemos

³⁸ Ibid.

³⁹ Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Dangerous Memories: A mosaic of Mary in Scripture*. New York, NY: The Continuum International Publishing Company, Inc., 2005, p. 100-122.

ninguém de que a presença do Senhor, atualmente e ao longo da história, faz alguma diferença.

Se acolhêssemos com sinceridade as palavras do cântico de Maria, um cântico que muitos de nós entoamos todos os dias, seríamos realmente audazes em abraçar a mensagem do Evangelho. As palavras dela nos convidam a uma mudança fundamental, uma mudança de coração, e não apenas aparente.

MARIA MEDIANEIRA

Em conformidade com a Mariologia de seu tempo, Marcelino também considerava Maria como medianeira. Ela constituía o meio pelo qual a humanidade pecadora podia retornar a Deus. Esse modo de ver a Mãe de Jesus dominou o pensamento da Igreja durante o segundo milênio.

Vamos encontrar as origens dessa visão no período em que os teólogos medievais começaram a retratar Jesus ressuscitado como distante dos fiéis. Nessa mesma época, a Igreja assumiu um tom rigidamente jurídico, adotando um sistema de punições extremamente severo. Diante de um Deus distante e das pesadas punições, e conscientes da tendência humana ao pecado, muitos fiéis foram em busca do auxílio de Maria.

Nela encontraram um poder celestial com um coração materno e uma pessoa que apoiava o pecador. O fato de ser também a mãe Daquela que julga não escapou à observação daqueles que imploravam seu auxílio. Esse modo de pensar continuou a se desenvolver até que Maria passou a ser considerada a mediadora entre Cristo e a Igreja.

À parte essas considerações, o relacionamento de Marcelino com Maria foi amadurecendo no decorrer do tempo. A confiança em sua proteção era total, de tal modo que dizia a seus Irmãos: “Com Maria, temos tudo; sem ela, somos nada; porque Maria tem seu adorável Filho **em seus braços ou em seu coração**”.⁴⁰

⁴⁰ Cf. também, *Lettres*, 194, p. 391-394.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sammon, SG

Nenhum embaraço no relacionamento de Marcelino com a Mãe de Jesus. Quanto mais ele se aproximava dela, mais ela estava presente na vida pessoal dele. Finalmente, o relacionamento entre essas duas pessoas constituiu-se na devoção de Marcelino a ela; Maria passou a ser sua confidente.

ESPIRITUALIDADE MARIAL INSPIRADA NA ENCARNAÇÃO

O mistério da Encarnação ocupava o centro da espiritualidade do Fundador. Não obstante colocasse frequentemente em foco a relação íntima entre Jesus e Maria, era Jesus, e não Maria, o destinatário final de sua peregrinação de fé.⁴¹ Ele acreditava que o Senhor estava sempre ao alcance, de tal modo que a confiança Nêle e o acolhimento de Sua vontade cresciam com o passar do tempo.

O Ir. Francisco observa essa atitude do Fundador na instrução intitulada “*Espírito filial para com Deus*”: “Ora, espírito filial também é entregar-se a Deus [...]; é o que nos faz ir a Deus com a mesma liberdade e a mesma confiança de uma criança.” O Fundador citava com frequência as palavras do Salmo 127: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam”.

A espiritualidade de Marcelino, inspirada na Encarnação, era igualmente evidente em muitas de suas correspondências. Em abril de 1839, por exemplo, ele escreveu ao Ir. Marie-Laurent: “Sua carta, meu caríssimo amigo, desperta particularmente minha compaixão. Desde que a recebi, não mais subo ao Santo Altar sem recomendá-lo Àquele no qual ninguém põe em vão a esperança, Àquele que pode fazer com que superemos os maiores obstáculos”.⁴²

⁴¹ Cf. SAMMON, Seán (FMS). *A Heart that Knew No Bounds: the life and mission of Saint Marcellin Champagnat*. Staten Island, NY: Alba House, 2000, p. 87-94.

⁴² Cf. SESTER, Paul (FMS). (Présentés par) *Lettres de Marcellin J. B. Champagnat* 1 Textes. Roma, Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 1985), (Carta 249), p. 479.

O Fundador, muitas vezes, assinava suas cartas com a seguinte frase característica: “Deixo-os nos Sagrados Corações de Jesus e Maria,” e gostava de dizer: “Esses lugares são muito acolhedores. É bom estar ali”.

Suas palestras constituem a fonte da adesão de nossos primeiros Irmãos a Cristo por meio do Presépio, da Cruz e do Altar. Ele encorajava a utilização desses abrigos para a reflexão e a oração.

Marcelino Champagnat acolheu em sua totalidade a Boa-nova de Jesus Cristo. O Senhor e Maria, a primeira discípula, eram seus constantes companheiros. Ao descobrir a alegria do Evangelho, deixou que sua mensagem o transformasse.

O Padre Champagnat queria partilhar com todas as pessoas que encontrasse, mas principalmente com as crianças e jovens pobres, tudo o que havia visto e escutado. “Amar a Deus” - dizia sempre - “sim, amar a Deus e torná-lo conhecido e amado entre as crianças e jovens pobres, este é o sentido da vida de um Irmão.”⁴³ E ainda, “Para educar as crianças é preciso amá-las...”⁴⁴ Inconscientemente, com essas palavras pintou seu próprio retrato e contou sua própria história.

⁴³ FURET, Jean-Baptiste. *Vida de J.B. Marcelino Champagnat*, (São Paulo, 1989), p. 458.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 501.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sammon, SG

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

Novamente você encontrará, a seguir, algumas perguntas que podem ajudar sua reflexão sobre o texto.

1. Que aspectos do relacionamento com Maria conquistaram seu coração e quais lhe parecem estranhos? Fale, por favor, sobre o que o faz reagir favoravelmente a algumas das manifestações desse relacionamento e não a outras.
2. Dedique algum tempo identificando em sua vida aquelas pessoas e acontecimentos que influenciaram, bem ou mal, a forma e a natureza de seu relacionamento com a Mãe de Jesus. De que maneira contribuíram para tornar esse relacionamento o que ele é hoje?

PARTE II

Maria em nossas vidas

A “idade de ouro” de Maria, que se desenvolveu a partir do século XVII, atingiu seu auge no início do século XX. Esse período continuou a manter significativo vigor, com milhares de fiéis comprometendo-se em grupos, tais como a Legião de Maria, a Igreja declarando dois dogmas marianos, o Papa Leão XIII escrevendo 11 de suas 42 encíclicas sobre a Mãe de Jesus e 65 Congregações religiosas sendo fundadas em sua honra, entre 1835 e 1935.⁴⁵

No entanto, quando a Igreja se preparava para o Concílio Vaticano II, começaram a surgir opiniões divergentes no até então unificado campo da Mariologia. Ocorreu uma cisão entre quem desejava continuar a construir sobre o pensamento vigente e os que defendiam um retorno a uma teologia cristã anterior, com uma abordagem de

⁴⁵ Cf. LAURENTIN, René. *Queen of Heaven: A short treatise on Marian Theology*. Londres: Burns, Oates & Washbourne, 1956.

Maria mais fundamentada no Evangelho, como o meio mais eficaz de renovar a teologia e a devoção marianas. De especial relevância foram os teólogos católicos cujo argumento era de que a salvação vinha de Deus, copiosamente, por intermédio de Jesus, e continuava a nos alcançar pela mediação do Espírito Santo.

O teólogo Karl Rahner, SJ, reconhecia Maria como a realização desse mistério e entendia que a graça, mais do que a maternidade, era o fundamento sobre o qual qualquer teologia mariana deveria ser construída. Deus dá a cada um de nós o dom da graça, que justifica e perdoad. Maria, modelo do sentido da graça, não é exceção a essa regra. Devemos ser o que ela já é: uma pessoa que, ao acolher o apelo de Deus, guarda-o no coração.

Quando os padres conciliares começaram a reunir-se para o Vaticano II, dois modos de entender Maria rapidamente se evidenciaram: os *crístotípicos* e os *eclesiотípicos*. Os primeiros destacavam as glórias da Mãe de Jesus e a descreviam como ornada de privilégios equivalentes aos de Cristo. Os segundos reconheciam Maria como receptáculo da graça e membro especial da comunidade eclesial.

As diferenças entre esses dois grupos⁴⁶ provocaram um dos conflitos mais carregados de emoção e tensão do Concílio. A seguinte questão os separava: os ensinamentos sobre Maria deveriam ser incluídos no documento sobre a Igreja ou seria melhor que constituíssem um documento à parte?

A votação no dia 29 de outubro de 1963 sobre o tema foi a última do Concílio e a moção foi aprovada com apenas 40 votos além dos 2188 necessários. A votação foi realizada sob o mais profundo silêncio e com este interrogante: como a Mãe de Jesus podia ser a causa de tamanha divisão?⁴⁷

⁴⁶ Enquanto aqueles que adotavam a orientação *crístotípica* entendiam que o Concílio deveria declarar como dogma que Maria era a medianeira de todas as graças, os que constituíam o grupo *eclesiотípico* defendiam a restauração da orientação evangélica para a abordagem da Igreja sobre a Mãe de Jesus.

⁴⁷ Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Truly our Sister*, p. 114-134.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sannon, SG

Deus escolheu Maria para um papel único na história da salvação e deu-lhe a graça de que precisava para essa tarefa.

Finalmente atingiu-se o consenso e Maria foi incluída na *Constituição dogmática da Igreja*, com o capítulo VIII, intitulado “A Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja”. Reconhecida como o membro supereminente e absolutamente único da Igreja, Mãe de Jesus na plenitude da fé, mulher e peregrina neste mundo e agora na glória com Deus, Maria passou a ocupar seu lugar de excelência na Comunhão dos Santos.

Em pouco tempo, entretanto, dois acontecimentos inesperados e infelizes sucederam. O primeiro: apesar da proclamação do Concílio em contrário, muitas homenagens a Maria, comuns nos anos anteriores ao Concílio, foram gradativamente desaparecendo. O segundo: embora os participantes do Vaticano II tivessem esperança de que o novo entendimento sobre a Mãe de Jesus fosse bem aceito por todos, alguns mariólogos continuaram a ensinar e a escrever com pouca ou nenhuma referência às decisões conciliares.

O 16º CAPÍTULO GERAL

Os delegados do 16º Capítulo geral demonstraram satisfação com a nova perspectiva do Vaticano II sobre a Mãe de Jesus. Sem apresentar um estudo doutrinário completo, o Concílio havia lançado luz sobre o papel de Maria no mistério da salvação.⁴⁸ Os padres conciliares, diziam, incluíram-na de maneira especial e única na Comunhão dos Santos. Eles nos desafiaram a tomá-la como nosso modelo de viver o Evangelho.

As *Constituições e Estatutos* Maristas reiteraram esses pontos, ao insistir em que podemos demonstrar melhor a nossa devoção à Mãe de Jesus, se imitarmos as suas atitudes em relação a Deus e aos outros. O artigo 4, a esse respeito, diz o seguinte:

⁴⁸ *Documento Marial*, p. 22.

“Dando-nos o nome de Maria, o Padre Champagnat quis que vivêssemos do seu espírito. Convencido de que ela tudo fez entre nós, chamava-a Recurso Habitual e Primeira Superiora.

Contemplamos a vida de nossa Mãe e Modelo para impregnar-nos de seu espírito. Suas atitudes de perfeita discípula de Cristo inspiram e pautam nossa maneira de ser e de agir.

Havendo Deus dado seu Filho ao mundo por Maria, queremos torná-la conhecida e amada como caminho que leva a Jesus. Atualizamos assim nosso lema: “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus.”⁴⁹

Os delegados envolvidos na redação das *Constituições e Estatutos* nos incentivaram a celebrar as festas de Maria, especialmente a Assunção, a estudar os documentos marianos da Igreja e a invocá-la todos os dias, recitando o rosário e algumas outras práticas da piedade mariana.⁵⁰

A CONTRIBUIÇÃO DO PAPA PAULO VI

O papa Paulo VI, consciente do que acontecera com a devoção mariana, durante o período pós-conciliar, respondeu com uma exortação apostólica intitulada *Marialis Cultus*.⁵¹ Ao conclamar toda a Igreja a agir com criatividade para renovar essas formas de culto em sintonia com a sensibilidade contemporânea, ele sugeriu quatro linhas de ação:

1. A veneração a Maria deve vincular-se claramente às Escrituras, i.e., integrar-se à mensagem da salvação.

⁴⁹ C. 4.

⁵⁰ C. 74.

⁵¹Cf. <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_Marialis-cultus_en.html>



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sannon, SG

“Ela merece ser imitada”, dizia Paulo VI, “porque ela foi a primeira e mais perfeita entre os discípulos de Cristo”.

2. As práticas de piedade em honra da Mãe de Jesus devem ter natureza litúrgica, emanando da Eucaristia e a ela se referindo, sempre em harmonia com o ciclo litúrgico.
3. Os serviços em louvor a Maria devem ser ecumenicamente sensíveis, i.e., evidentes quanto à centralidade de Jesus.
4. A devoção mariana deve levar em conta o que se aprendeu das ciências humanas, i.e., ser antropologicamente sensível.

Em sua última consideração, Paulo VI passou a descrever Maria como uma mulher forte e inteligente que viveu a experiência da pobreza e do sofrimento, da fuga e do exílio, mas que acolhera o apelo de Deus de maneira consistente, ativa e responsável. A mãe de Jesus fez opções corajosas e dedicou-se a fortalecer a fé das pessoas.

O Papa propôs Maria como modelo e nos encorajou a fazer como ela que, movida pelo espírito de caridade e acatando a Palavra de Deus, aceitou plena e responsavelmente a vontade do Senhor.⁵²

IMITANDO MARIA

Irmãos, se aceitamos Maria como modelo, por que não seguimos o conselho do Papa, assim como o dos delegados do 16º Capítulo geral, e a imitamos, de modo a assimilarmos suas virtudes?

De início, podemos interrogar-nos se há, atualmente, prova suficiente para garantir que continuamos a ser um Instituto Mariano. E a suficiência da prova não se encontra na contabilização das orações marianas, mas, sim, no fato de nosso amor por essa mulher ser inquestionável e, acima de tudo, de nossa devoção a ela ser tão visível quanto foi a do Fundador.

⁵² Ibid.

Todavia, não haverá dúvida, na mente de ninguém, de que somos membros de um Instituto mariano, digno de lhe atribuir esse nome, se você e eu espelharmos nela nossa vida de fé e nosso discipulado. E se algum desses elementos mencionados estiver faltando em sua vida ou na minha? Bem, nesse caso devemos perguntar-nos: Que pretendemos fazer para remediar essa situação?

O Fundador dizia que L'Hermitage era obra de Maria e sua morada. Continuamos ainda hoje a acreditar nisso? L'Hermitage realmente é para nós um santuário mariano, um local de peregrinação à Mãe de Jesus ou nós o transformamos, simplesmente, em um prédio construído por Marcelino?

Em nosso dia a dia, estão sempre visíveis os sinais de Maria em nós e em nossa oração, no nosso convívio e partilha com os outros? A Mãe de Jesus exerce alguma influência em nosso jeito de evangelizar? Temos a mesma acolhida, a mesma generosidade de coração e a mesma disposição que Maria demonstrou para permitir que a Palavra de Deus abale nossos planos tão bem elaborados e coloque nosso mundo de cabeça para baixo?

O FUNDADOR E A RENOVAÇÃO

Como Irmãos de Marcelino, lembramo-nos de Maria, porque ela nunca se esquece de nós. Quando perdemos a consciência de que somos filhos e filhas de Deus, ela nos recorda nossa verdadeira identidade.

Do mesmo modo, a Mãe de Jesus desenvolveu no Fundador as competências necessárias para ele poder assumir a missão que havia recebido. Não foi o seu trabalho, mas o dela, que ele executou.

Precisamos imitar a confiança do Fundador na Mãe de Jesus e mais uma vez confiar a ela nosso Instituto, sua missão e todos os seus membros. Se desejarmos de fato fazer isso, ela nos mostrará o caminho a seguir. Foi assim com Marcelino. O que nos permite pensar que, agora, ela não faria o mesmo para nós?



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

Não tenho dúvidas de que ela nos ajudaria principalmente a considerar alguns temas sob nova perspectiva, entre os quais destacaria nossa identidade apostólica. Você e eu precisamos ser mensageiros da Palavra de Deus, homens para os quais a virtude do zelo é central.

Maria foi a primeira missionária, a primeira mensageira do evangelho, a primeira pessoa a anunciar a Boa-nova de Jesus Cristo ao outro. E realizou isso simplesmente acolhendo o Senhor em seu seio. Maria nos adverte de que a missão pouco tem a ver com transmitir a mensagem por palavras; mas tem tudo a ver com o movimento ao encontro do outro, com Jesus no coração.⁵³

Essa visão da missão, tão evidente na vida do Ir. Henri Vergès, inspirou a concepção do nosso recém-iniciado programa de missão *ad gentes* para a Ásia. Henri, cuja vida foi eliminada por extremistas, quando vivia na Argélia entre pessoas que amava, recorda-nos mais uma vez que - a despeito das diferenças entre aqueles que esperamos evangelizar e nós - esse tipo de missão que privilegia a presença e o testemunho favorece a admiração e o respeito mútuos e, muito frequentemente, abre caminho para a construção da amizade. “Afinal,” ele pondera, “o Espírito de Deus espera que nossos corações batam em uníssono”.⁵⁴

RELIGIOSOS APOSTÓLICOS

Marcelino queria que fôssemos religiosos apostólicos nas pegadas de Maria. Que significa isso exatamente? Nos textos bíblicos a Mãe de Jesus questiona, interpela seu Filho, dá ordens e viaja. Aliás, viaja bastante. Maria “levantou-se prontamente e pôs-se a caminho” para visitar sua prima Isabel, empreendeu a derradeira pere-

⁵³ Cf. PITCHER, George. The Archbishop’s Sermon at Lourdes,” reimpresso por “The Telegram Media in the *Marist Newsletter: Marist Brothers of the Province of Melbourne*, 40(4), maio de 2009, p. 16-17.

⁵⁴ *Apud* DELORME, Alain. *Rezar 15 dias com Henri Vergès: religioso marista mártir na Argélia*. Roma, Itália: Irmãos Maristas, p.53; original Nouvelle Cité 2008, p. 49-50.

grinação a Jerusalém, e no *Pentecostes* participou da comunidade dos fiéis sobre a qual o Espírito de Deus soprou vida e enviou em missão. Sim, a história de Maria se caracteriza por movimento, por passagens de um momento significativo a outro.⁵⁵

Essa visão é essencial para quem se declara membro de um Instituto apostólico e se denomina marista. Infelizmente, alguns de nós parecem mais membros de Congregações monásticas, comprometidos com um determinado mosteiro e local. Ora, ao contrário disso, somos essencialmente itinerantes, enviados àqueles lugares onde a urgência de evangelização é mais sentida.

Como camponesa, ela viajou além dos limites de seu povoado para, no meio de nós, dar à luz o Senhor Deus e servir como testemunha de sua morte salvífica. Somos igualmente convocados para nos dirigirmos aos lugares onde a Igreja não está, levando a Boa-nova de Deus para as crianças e jovens pobres. Onde perdemos essa capacidade, devemos restaurá-la para que ocupe seu devido lugar em nossas vidas.

A Mãe de Jesus nos recorda que preservar a natureza itinerante de nosso modo de vida é importante por outras razões. Ela é notável, por exemplo, por sua capacidade de se integrar em todas as culturas cristãs e não ser apropriada apenas por uma delas. A veneração da Mãe de Deus, por exemplo, assume formas diversificadas, não se limitando a determinados espaços geográficos.

A migração ocorrida em muitas regiões do mundo está atualmente reformulando as características de muitas regiões e nações, introduzindo o multiculturalismo e ampliando a internacionalidade. Somos, você e eu, desejosos de aprender sobre outras culturas e acolhê-las em nosso mundo, incorporando seus costumes e práticas ao nosso modo de vida? Demonstramos tolerância diante das diferenças existentes entre os muitos povos que hoje habitam este nosso planeta?

⁵⁵ Cf. CORNELL, Deirdre. Our Mother, Our Advocate: The Many Journeys of Mary of Nazareth, in *America*, 200(16), 13 de maio de 2009, p. 15-17.



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sannon, SG

É triste dizer, mas com frequência esperamos que os outros abandonem suas próprias crenças, acolhendo apenas o que nós valorizamos, julgamos importante ou desejamos. Recordo-me com pesar de um jovem, membro de uma cultura minoritária em sua Província, que abandonou nosso Instituto após alguns anos, por sentir-se deslocado. Ao partir, ele me disse: “O que mais me entristece não é o que os Irmãos ignoravam a respeito de minha cultura, mas sim o pouco interesse que demonstravam em aprender alguma coisa sobre ela”.

Precisamos começar a desenvolver a capacidade de reconhecer, já a partir do tempo de formação inicial, a natureza internacional do nosso Instituto e do mundo, bem como as diferentes culturas e costumes encontradas em ambos. A atual experiência de noviciados regionais e internacionais, em diversas partes do Instituto, é um passo importante nessa direção.

Do mesmo modo, se instituímos escolasticados internacionais, com um sólido programa na primeira fase de formação do pós-noviciado, em quatro ou cinco regiões do Instituto e integramos jovens Irmãos de várias partes do mundo em cada um deles, iniciaremos a criação de uma rede internacional com nossos jovens membros e uma geração de evangelizadores com visão planetária. Seria preciso enfrentar alguns desafios, como o do idioma, mas a maioria dos jovens haveria de superá-los com facilidade.

O DESAFIO DA RENOVAÇÃO

A Mãe de Jesus pode ser nosso modelo, em grande medida, se continuarmos a empreender esforços no sentido de renovar nosso modo de vida. Afinal, quando se viu diante da mudança e da transformação, ela viveu experiências inéditas, bastante significativas: partiu do entendimento de Jesus como filho para o de Jesus como o Senhor e o Salvador; do papel de Mãe de Jesus para o de discípula; do mundo familiar do judaísmo para o mais complicado do cristianismo judaico.

Infelizmente, a despeito de toda a nossa conversa sobre dependência de Deus e confiança em Maria e em sua proteção, alguns entre nós podemos vacilar, quando precisamos colocar tudo isso em prática. Ficamos muito mais seguros no comando, sentindo-nos eficientes e sendo bem sucedidos para proveito próprio. Sim, muitos de nós estamos convencidos de que, com um pouco de inteligência e trabalho árduo, superamos tudo com competência.

No entanto, parece-me que à medida que a renovação se instala, os efeitos esperados por Deus são bem diferentes daqueles que imaginamos, porquanto, quando esperamos crescer em número, com frequência enfrentamos a diminuição do nosso contingente; onde pensamos encontrar sucesso, muitas vezes experimentamos fracasso; quando pensamos que merecemos respeito, muito frequentemente somos surpreendidos pelo escândalo.

A vida consagrada e o nosso Instituto encontram-se atualmente em uma encruzilhada. Durante os últimos cinco decênios, empenhamo-nos individual e institucionalmente pela renovação. Por uma série de razões, contudo, não conseguimos realizar plenamente essa tarefa. Apenas um exemplo: o tempo foi muito curto. Os períodos passados de mudanças significativas na vida religiosa nos deveriam ter ensinado que todo processo em que o velho precisa morrer para dar lugar ao novo exige pelo menos meio século para se efetivar. Qualquer grupo precisa de todo esse tempo para “desconstruir-se”, de modo que seus membros comecem a se fazer as perguntas certas.

DESCONSTRUIR PARA RECOMEÇAR

Nos últimos cinquenta anos ou mais, testemunhamos mudanças importantes no modo de vida e na missão maristas. Algumas delas representaram uma preparação para o que se projeta à frente. Em muitas situações a experimentação necessária para nos ajudar a construir o futuro apenas começou e está longe do seu termo.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sannon, SG

Diante desse fato, podemos ser tentados a erguer uma placa de “Não perturbe!” e isentar-nos do trabalho que vislumbramos adiante. Alegamos que somos velhos demais para recomeçar ou que o número de Irmãos jovens em nossa Província ou Distrito não garante seu futuro, ou simplesmente que estamos cansados demais e já oferecemos nossa cota de ‘ideias novas’ sobre renovação.

Entretanto, a idade, o número de Irmãos jovens em uma Província ou Distrito, ou o cansaço por já termos tentado sem sucesso não são desculpas para nos dispensar do trabalho que, juntos, precisamos enfrentar. Isso exigirá de cada um de nós pelo menos tanto sacrifício, esforço e oração quanto no passado. Todavia, temos uma vantagem: talvez estejamos suficientemente “desconstruídos” para prestar atenção ao que Deus espera do nosso modo de vida.

Os Irmãos com frequência me perguntam sobre o nosso futuro: Temos de fato futuro como grupo? Em caso afirmativo, como será ele? Acredito, sem qualquer dúvida, que a missão para a qual Deus concebeu o modo de vida marista é tão urgente hoje quanto no tempo do Fundador: quantas crianças e jovens pobres, ainda hoje, estão ávidos para ouvir a Boa-nova de Jesus Cristo!

Creio também firmemente que a vida consagrada deve se constituir na consciência da Igreja, memória viva do que deve e pode ser feito. Esse papel é tão importante hoje quanto o foi anteriormente, talvez mais.

Finalmente, estou plenamente convencido de que a vocação de Irmão é, neste momento, necessária para nossa Igreja com muito mais urgência do que no passado. Poder, posição e prestígio nunca deveriam ter sido nossa preocupação, mas a proclamação do Reino de Deus e sua presença entre nós.

Também acredito, contudo, que corremos o risco de perdermos a oportunidade, de ficarmos preocupados demais em manter nosso *status quo*, de continuarmos a dedicar nosso tempo a alguns empreendimentos sem ao menos questionar sua finalidade ou nossa presença ali, de nos profissionalizarmos de tal maneira que venhamos a

perder o sentido da importância do zelo apostólico. Temo que fiquemos de tal modo absorvidos pelas intermináveis atividades profissionais, a ponto de não enxergar as grandes questões do nosso momento histórico e eclesial.

Nosso modo de vida nunca foi pensado para ser previsível, estável, convencional. Pelo contrário, sempre se caracterizou por nos desinstalar e empurrar para além de nossas fronteiras, sendo mesmo considerado como algo louco por alguns e sendo, no fundo, uma extraordinária bênção para a Igreja e para o mundo. A vida consagrada, pura e simples, só tem sentido se você e eu estivermos apaixonados por Deus; e, como acontecia com o Fundador, se não conseguirmos conter o desejo de falar sobre esse nosso tesouro a todos os que encontrarmos, principalmente as crianças e jovens pobres.

Quais são nossas opções na presente situação?

A primeira, não fazer nada. Ainda que essa alternativa possa parecer atraente para alguns, por ser a mais cômoda, assumi-la significa adiar as dificuldades, tornando-as cada vez mais complexas.

A segunda, adotar soluções túbias. Isso pode funcionar algum tempo, mas elas acabarão sendo consideradas inócuas.

A terceira, empenhar-nos para sermos tão audazes como foi Marcelino em sua vida. Isso significa entregar o Instituto, bem como sua vida, missão e trabalho de renovação à Mãe de Jesus, e assim concordar em participar totalmente da aventura que nos espera à frente.

Estamos, neste momento, exatamente onde deveríamos estar em nossa caminhada. Esse processo jamais prometeu ser rápido ou finalizado, sem pagarmos um preço que começa com uma mudança de coração, no âmbito pessoal e depois, grupal. Isso inclui não apenas os Irmãos, mas também Leigas e Leigos. Devemos trabalhar juntos na promoção e no apoio das nossas vocações específicas, partilhando em plenitude o carisma, a missão e a espiritualidade maristas. Em algumas instâncias, ainda não há modelos de como realizar isso. Precisamos trabalhar em conjunto para criá-los e levá-los a bom termo.



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sammon, SG

A NATUREZA APOSTÓLICA DE NOSSO INSTITUTO

Desde cedo, Marcelino acalentava um sonho para seus Irmãozinhos. Eles seriam apostólicos por natureza e assumiriam um programa de santidade fundado nas virtudes da humildade, obediência, caridade e zelo, cada uma delas com caráter marista distinto. A humildade marista, por exemplo, era descrita como entrega filial a Maria, não apenas de cada um de nós, mas do Instituto que leva seu nome.

Infelizmente, com o passar do tempo e por certos motivos, essa visão original se foi desvanecendo. Na biografia do Fundador, escrita por João Batista, a humildade, por exemplo, passou a ser uma virtude autônoma, desligada da Mãe de Jesus, enquanto a presença de Deus, antes entendida como atitude espiritual geral, acabou por se tornar um exercício devocional. A virtude do zelo, considerada por Marcelino essencial para nossa identidade de Irmãos, passou a ocupar uma posição secundária.

Ainda que essas mudanças possam parecer insignificantes, elas nos afastam de um entendimento verdadeiramente apostólico de nosso modo de vida, fazendo com que adotemos uma concepção mais monástica, contribuindo para algumas das atuais confusões acerca de nossa identidade. Hoje, temos a oportunidade de redescobrir o que Marcelino, originariamente, acalentava na mente e no coração.

O que devemos esperar das lideranças em um período como este? Uma capacidade de viver e conviver com a ambiguidade e o conflito, demonstrando firmeza, persistência e perseverança.

DESAFIO FINAL

O biógrafo de Marcelino o incluía entre os fundadores de grandes ordens monásticas. Minha intuição é que ele teria preferido ser visto como um homem do povo. E ele era exatamente isso: um homem bom e simples,

apaixonado por Deus; um homem que iniciou um movimento com poder de mudar o mundo, se não para todos, certamente para as crianças e os jovens pobres com quem se preocupava.

Não fosse por Maria de Nazaré, Marcelino, no entanto, não teria conseguido realizar isso. Juntos, formaram uma aliança que permitiu que as vidas de muitas crianças e jovens pobres, em seu tempo e nos anos seguintes, fossem tocadas. E Deus nunca esteve longe do centro de sua vida. A contemplação, no sentido mais verdadeiro do termo, era sua oração.

Muitos levantam suspeitas quando encontram essa experiência de oração, pois ela parece pouco exigente. Para que o espírito contemplativo crie raízes e se desenvolva, é preciso não querer assumir todo o processo e permitir que Deus também faça a Sua parte. A contemplação nos desafia a reduzir o ritmo, a parar de falar e começar a ouvir; mas, acima de tudo, a permitir que Deus nos acolha com amor. Esse tipo de oração se ajusta perfeitamente à vida apostólica, o tipo de vida que Marcelino tinha em mente para nós.

E a devoção mariana? Como ela se encaixa no padrão atual de nossas vidas? Em princípio, prefiro a expressão 'momentos marianos' à expressão 'devoção mariana', considerando a primeira como os breves espaços de tempo, durante o dia, em que invocamos com a mente e o coração, individualmente ou em comunidade, a presença de Maria em nossas vidas.

Imersos em uma tarefa desafiadora, podemos, por exemplo, rezar uma dezena do rosário, parando a cada ave-maria para lembrar os nomes e as intenções de algum de nossos colegas.

Novamente, podemos assumir como nossa a instrução que o Fundador dava aos primeiros Irmãos para que rezassem o rosário completo todos os dias. Nesse caso, ele também dava as seguintes instruções: "Se, em razão de algum acontecimento inesperado ou em circunstâncias excepcionais, não for possível rezar todo o rosário, recite duas ou três dezenas; e se isso estiver ab-



Em seus braços ou em seu coração

Dr. Seán D. Sannon, SG

solitamente fora de sua possibilidade, pelo menos reze três ou quatro ave-marias; e se, ainda assim, isso também for impossível, pegue o seu rosário e beije-o antes de dormir”. Seguindo esses conselhos, ele assegurava a seus Irmãos que nunca ficariam sem os benefícios dessa oração diária em suas vidas.⁵⁶

Finalmente, podemos igualmente pegar uma das antigas ladainhas da Igreja, ou mesmo alguma mais contemporânea, e rezar em voz alta apenas aquelas linhas que tenham mais sentido para a ocasião. Os ‘momentos marianos’ podem ser breves, como três ou quatro minutos, ou podem estender-se até meia hora. Se nos acompanharem com frequência suficiente, essas pausas ao longo do dia acabam por tornar-se nossa segunda natureza, lembranças breves da presença e poder da mãe de Jesus na minha vida e na sua.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

As perguntas abaixo podem ajudar sua reflexão sobre a mensagem desta Circular:

1. Se Maria não ocupa hoje um lugar de destaque em sua vida ou na de sua comunidade, que passos concretos você pode dar para remediar uma ou outra situação? Onde você encontra apoio, quando quer tomar alguma decisão?
2. Maria foi a primeira discípula de Jesus. Que significa para você ser discípulo do Senhor? De que modo Maria o inspira a ser discípulo do Senhor?

⁵⁶ Cf. FURET, Jean-Baptiste. *Vida de J.B. Marcelino Champagnat* (São Paulo, 1989), p. 320.

CONCLUSÃO

Quando a primeira versão dos cinco apelos do XX Capítulo geral foi apresentada aos capitulares, duas omissões ficaram evidentes. Nem Maria nem os pobres eram citados no texto. Rapidamente foram inseridos e, em minha opinião, isso foi uma boa oportunidade para reflexão.

Confesso não ter ficado surpreso quando esses dois elementos, importantes em nosso modo de vida marista, foram outra vez ignorados. Afinal, temos lutado com os dois desde os dias do Concílio Vaticano II. No entanto, aproxima-se rapidamente o tempo em que deveremos reconduzi-los ao seu devido lugar em nosso Instituto. Se falharmos a esse respeito, impediremos um autêntico processo de renovação.

Somos uma congregação mariana; a mãe de Jesus tem um lugar central no coração do nosso Instituto. Portanto, deve ter também um lugar no coração de cada um de nós. Presença irradiante e cheia de vida; muito mais do que algumas orações recitadas diariamente ou uma série de práticas de piedade.

Marcelino Champagnat era um apaixonado pela mãe

de Jesus; confiava nela e em sua proteção, sem hesitar. Em nossos tempos atuais, devemos unir nossas forças para restituir à mãe de Jesus o lugar que lhe convém na vida marista e em nossa Igreja. Podemos realizá-lo de modo mais efetivo sendo, como ela, verdadeiros discípulos do Senhor Jesus e mensageiros da Palavra de Deus para as crianças e jovens pobres.

Rezemos hoje para que Maria se torne para nós, uma vez mais, fonte de fé e de esperança, como o foi para nosso Fundador e irmão.

*Maria, nossa Boa Mãe,
Recurso Habitual e irmã na fé,
que tocaste o coração
e transformaste a vida
de Marcelino Champagnat,
faz o mesmo em nós.*

Amém.

Com minha bênção e afeição.



Seán Sammon, fms
Superior geral



Em seus braços ou em seu coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

LADAINHA MARISTA A MARIA

Maria, fonte de paz,
sê nossa fonte de consolação.
Modelo de coragem,
sê nosso exemplo.
Modelo de audácia,
sê nossa inspiração.
Modelo de perseverança,
sê nossa força

Maria, nossa Boa Mãe,
leva-nos a Cristo.
Mulher de misericórdia,
ensina-nos a ser misericordiosos.
Mulher de fé,
ajuda-nos em nossa descrença.
Mulher de visão,
abre nossos olhos.

Consoladora dos aflitos,
dá-nos um coração compassivo.
Causa de nossa alegria,
enche-nos de vida.
Sinal de contradição,
ajuda-nos na incerteza.
Mulher de sabedoria e discernimento,
dá-nos a luz do conhecimento.

Recurso Habitual,
protege-nos e guia-nos.
Mulher impregnada de esperança,
sê nossa fonte de vida nova.
Primeira discípula,
mostra-nos o caminho.
Companheira de peregrinação,
fica ao nosso lado na caminhada da vida.
Acolhedora da vontade de Deus,
ajuda-nos a fazer o mesmo.

Amém.

